

O PROCESSO INFERENCIAL NA COMPREENSÃO DE PIADAS

Kassandra da Silva MUNIZ

(PG-UNICAMP)

Resumo: Este artigo analisa o processo inferencial em piadas, observando como este processo auxilia em sua compreensão. Também analisa a relação entre inferência e o processo referencial. A referenciação, neste artigo, é considerada como um processo que se dá no discurso.

Palavras-chaves: referenciação, processo inferencial

Abstract: This paper analyses the inferential process in jokes observing how this process helps to understand them. It also analysis the relationship between inference and the referential process. The referenciation is been taken as a process that produces itself in the discourse.

Key Words: referenciation, inferential process

0. Algumas breves considerações teóricas

Primeiramente se faz necessário esclarecer que noção de língua permeia este trabalho, uma vez que é nisso que se baseará a “explicação” a respeito dos processos de inferenciação e referenciação. Longe de se conceber a língua dentro da metáfora de espelhamento da realidade, a língua é vista como uma atividade dinâmica, sócio-cognitiva, uma vez que a linguagem é uma forma de ação no mundo, na qual fatores sociais, históricos e cognitivos, salientando-se que as representações mentais também são sócio-culturais (Fauconnier, 1997), vão fazer parte desse processo. Dessa forma, “a linguagem seria uma forma de apropriação sócio-cognitiva da realidade.” (Marcuschi, 1999). A noção de texto/discurso vai acompanhar esta noção de língua, uma vez que a referenciação, ou seja, este “processo” se dará no discurso, discurso este que é uma reelaboração mental da realidade de forma que fatores não apenas concernentes à língua, mas sociais, culturais e históricos vão influenciar nessa reelaboração. É um evento comunicativo e dialógico por natureza, fundamentado na interação entre sujeitos

históricos-sociais que estão sempre na busca pelo sentido, uma vez que tanto o ouvinte/leitor como o locutor/autor de um texto esperam que este “faça sentido”, ou melhor, que produza sentidos, já que o sentido nunca está pronto no texto, mas sempre em construção.

A concepção de referência adotada neste trabalho, ou melhor, o processo de referenciação também vai se basear fundamentalmente na interação entre os interactantes, estando subjacentes a essa interação, os processos cognitivos-inferenciais.

Como bem salienta Marcuschi (2001)

“a referência (...) é muito menos uma determinação lingüística e muito mais uma ação conjunta num processo interativo com atividades inferenciais realizadas na enunciação. Trata-se de uma questão sócio-cognitiva em que o processo referencial é melhor caracterizado como interativo.”

Com base nessa concepção, postula-se que o ato de referir deixa então de ser uma atividade de “etiquetar” um mundo pré-existente e passa a ser uma atividade discursiva na qual os referentes passam a ser “objetos de discurso” e não mais objetos do mundo. A referenciação é, portanto, uma atividade de designação ou representação realizada numa determinada situação discursiva (Marcuschi, 1999), garantindo, assim, a continuidade do tópico discursivo e contribuindo para que o texto tenha coerência, ou melhor, para que o texto se torne coerente, produzindo sentido(s).

Mas afinal, o que vem a ser coerência e por que um texto faz sentido para uns e não para outros? Quando se pensa no corpus que será analisado neste trabalho, piadas, essa pergunta é bem apropriada, mais difícil, porém, é a resposta. Já foi dito que fatores não apenas e puramente lingüísticos influem no processo de leitura e compreensão de um texto. As noções de conhecimento partilhado e de mundo são fundamentais nesse processo, principalmente quando se está considerando os processos inferenciais, porém ainda são noções não muito claras até hoje, ou melhor, embora em todo texto que se lê sobre inferência e compreensão esses termos estejam presentes, geralmente não são definidos porque se supões serem “tranqüilas”. Um escritor/falante ao produzir seu texto supõe um conhecimento prévio por parte do seu interlocutor, ou seja, para introduzir elementos ou informações novas, ele, o produtor do texto, baseia-se e apóia-se num conhecimento anterior, numa informação já compartilhada pelo seu interlocutor/leitor. Segundo Marcuschi (1997), “O partilhamento, quando subentendido como aquilo que

os interlocutores dispõe em comum, nada mais é que um sistema de expectativas ou um modelo de projeções de sentidos, referentes etc. Partilhamento é uma noção cuja forma lógica fundamenta a expectativa de identificabilidade.”¹ A noção de conhecimento de mundo implica algo ainda mais abrangente, pois lida com conhecimentos baseados em crenças, experiências, adquiridos não só através de um saber enciclopédico, mas também de um saber cultural, através do convívio social e da interação com o outro. Esses conhecimentos encontram-se “armazenados” em frames, scripts, ou seja, modelos cognitivos que são lançados mão na leitura e compreensão de textos, através de processos inferenciais.

Como se pode observar pelo que até agora foi escrito, as inferências estão na base de todo o processo de compreensão textual, e uma das razões é justamente a estreita relação que a inferenciação possui com o processo referencial. Marslen-Wilson, Levy e Tyler (1982) já falavam desta relação, ao chamar atenção para o fato que muito dos referentes num discurso só são encontrados ou têm a sua ambigüidade resolvida através de processos inferenciais, principalmente das inferências pragmáticas. E que, ao contrário do que se pode pensar, essa relação entre inferência e referência é mais comum do que se imagina, ou seja, está na base de todo o processo referencial. E, ao contrário do que alguns autores tendem a acreditar, o preenchimento dessas lacunas, “gaps”, através de inferências não é um procedimento custoso ou mais complicado para o leitor/ouvinte. Isso está melhor dito nas próprias palavras dos autores acima citados:

“(...) these processes of inferential assessment (...) in fact reflect the basic and normal processes of pragmatically interpreting an utterance in its discourse context. (...) evidence suggests that, for human listeners, inference-based matching processes are not necessarily more costly, even when no pronominal lexical constraints at all are placed on the possible antecedents of an anaphor”(cf. Tyler & Marslen-Wilson, 1982)

Com base em todas as afirmações feitas até agora neste trabalho, parte-se da hipótese aqui que os referentes são interpretados no discurso através de inferências que o leitor/ouvinte faz quando, com base em pistas orientadoras, chega aos referentes pretendidos, referentes estes que em sua maioria, ao menos nos textos humorísticos analisados, não estão explícitos no texto. Essas “pistas” podem ser dadas através de fatos estritamente lingüísticos presentes no texto ou ainda através do contexto no qual o

¹ Grifos do autor.

discurso está inserido. É a essa segunda possibilidade que vamos dar mais ênfase neste artigo, procurando identificar e analisar quais as pistas que estão implicitamente inscritas no discurso que vai fazer o leitor inferir um e não outro sentido, de acordo com o contexto na qual a piada se inscreve. Salientando-se que por contexto, estamos utilizando a noção de Van Dijk (1997, apud Koch 2002) quando ele define o contexto “como o conjunto de todas as propriedades da situação social que são sistematicamente relevantes para a produção, compreensão ou funcionamento do discurso e de suas estruturas”. É importante ressaltar que a concepção de contexto adotada não leva em consideração apenas o enfoque político-social, mas também os processos cognitivos presentes no contexto, como diria Marcuschi (2001), a “cognição situada”. Trata-se, portanto, de um contexto sócio-cognitivo, que segundo Koch (2002)

“engloba todos os demais tipos de contextos, já que tanto o co-texto, como a situação comunicativa, imediata ou mediata, bem como as ações comunicativas e interacionais realizadas pelos interlocutores passam a fazer parte do domínio cognitivo de cada um deles, isto, é, têm uma representação em sua memória, como acontece também com o contexto sócio-histórico-cultural.”

1. Duas palavrinhas sobre o corpus

Embora todo texto tenha um caráter polissêmico e polifônico, principalmente quando falamos nos gêneros humorísticos, é importante e necessário que o leitor/ouvinte chegue a um e somente um desfecho determinado pela piada (Possenti, 1998). Pode parecer que com esta afirmação esteja-se falando em sentido literal, leitura codificada, sentido único, ou outros termos com essa mesma orientação argumentativa. Pelo contrário. Como bem salienta Possenti (1998),

“Argumentar que um texto impõe a seus leitores uma leitura única, sob pena de não entenderem sua razão de ser, não é a mesma coisa que dizer que o leitor é um receptor passivo de um texto, diante do qual só lhe resta a mera decodificação, isto é, o agenciamento puro e simples de seu conhecimento lingüístico.”

Embora Possenti esteja referindo-se às piadas, pode-se ampliar essa afirmação a todos gêneros discursivos que têm o humor como um dos seus traços característicos. A piada carrega fortemente essa característica, isto é, procura despistar o ouvinte/leitor, “brincando” com os possíveis efeitos de sentido que a piada pode adquirir, levando-o a construir várias possíveis interpretações, para em seguida impedir-lhe algumas, até que ao final do texto, apenas um sentido deve ser levado em conta para que a piada produza a “graça” que esse gênero requer. Não é que não seja possível construir sentidos vários, mas o texto por estar inserido num contexto e aí está a importância primordial desta característica pragmático-situacional que possui o contexto, abre e restringe ao mesmo tempo as possíveis leituras de um texto e, ao fazer esse “movimento”, direciona o leitor, através de pistas, lingüísticas ou não, para a interpretação mais provável do texto. É sempre interessante lembrar as palavras de Marcuschi quando ele diz que um texto está aberto a várias interpretações, mas não escancarado. Se as pistas que o texto for dando não forem suficientes para o leitor, ele não compreenderá o texto, o que pode acontecer com qualquer gênero textual, mas isso, essa não compreensão, torna-se terrível na piada porque toda pessoa que se propõe a contar uma piada espera que os outros riam ao final e não que fiquem com uma expressão no rosto do tipo: já acabou?

Todo mundo sabe que a graça de uma piada está quando você a entende e consegue achar graça dela. Também é bastante desastroso para um contador de piada, como foi dito acima, quando as pessoas não conseguem rir das suas piadas, muitas vezes mais por falta de compreensão da mesma do que pela falta de habilidade do contador. E essa “falta de compreensão” é causada porque o acesso ao referente não foi permitido a uma primeira leitura da piada e para preencher as lacunas que faltavam para que se pudesse entendê-las, entram as inferências, pois estas acessam os conhecimentos práticos, de mundo do leitor. Trabalhar com este corpus é justificável porque quando trata-se de piadas, charges, tirinhas, de caráter político, principalmente, ou de discursos que já estão “estereotipados” no nosso contexto político-cultural, é preciso acessar conhecimentos que estão circulando no Brasil e até mesmo no mundo, basta lembrar as diversas piadas e charges originadas do “possível” envolvimento de Bill Clinton com a sua estagiária Mônica Lewinski.

É verdade que a competência² inferencial (D. Marconi 1997 apud Marcuschi 2000) do leitor/ouvinte irá influenciar muito na compreensão do texto, ressaltando-se que por competência inferencial entende-se toda uma rede de relações cognitivas, construídas sócio-culturalmente das quais o leitor lança mão no processo de compreensão, uma vez que a inferência é um fenômeno de “natureza sócio-interativa e corresponde a movimentos discursivos em que certos elementos são tomados para que se chegue a outros”(Marcuschi 2000). Ou seja, inferir é realizar um raciocínio, por meio do qual, com base em conhecimentos (lingüísticos, partilhados, de mundo) o leitor chega a outros conhecimentos que não tem que ser exatamente novos. No tocante às piadas, postula-se neste trabalho que estas funcionam justamente em cima do já dito, do que já é conhecido, a questão é que esse já dito fica implícito no discurso que a piada veicula.

2. Tentativa de análise

Exemplo (1)

Um português telefona pra agência de viagem:

- Por favor, quanto tempo leva um avião pra Lisboa?
- Um minuto
- Obrigado e desligou. (Ziraldo)

Lá vem o coitado do “português” mais uma vez ser colocado na berlinda, obviamente para ser ridicularizado. Um artigo que se propõe a analisar piadas, não pode deixar de falar das tão famosas piadas de português.

No texto acima fica nítido para o leitor/ouvinte, a não ser que este seja português, que a graça da piada vai residir exatamente no que ela deixa implícito em seu discurso, ou seja, o leitor irá inferir que o português ao escutar “um minuto” pensou que se tratava do tempo que um avião percorre para chegar à cidade de Lisboa e não que o atendente, na verdade, estava pedindo para ele esperar um pouco enquanto checava a informação requerida. Ou seja, percebe-se que a referência de “um minuto” para o português é, no mínimo, equivocada, ao menos neste contexto, o que vem a corroborar a hipótese de

² Competência aqui não é utilizada no sentido de Chomsky.

que o contexto irá determinar e trazer à tona um dos “sentidos” possíveis, uma vez que só podemos falar em “o sentido” mais provável esperado quando da leitura do texto, já que o sentido é produzido interacionalmente, mesmo que essa interação não seja “bem sucedida”. Fica claro, nesta piada, que a referência de “um minuto” para o atendente é totalmente diferente da do português.

É praticamente impossível se pensar que o tempo de voo de um avião, não importa o destino, dure apenas “um minuto”. Essa leitura realizada pelo português, além de mostrar o caráter ideológico da piada ao ressaltar a tese da burrice por parte dos nossos patrícios, mostra que ele fez uma leitura da piada sem levar os fatores pragmáticos em questão, ou seja, no nosso atual contexto histórico-cultural tal façanha não é possível de ser realizada por um avião, porém isso não significa que num outro mundo discursivo, essa “impossibilidade” não seja possível. É interessante também observar como as piadas de português colocam o gênero piada dentro de um contexto muito particular dentre os outros gêneros discursivos. É evidente que há piadas que podem ser entendidas mesmo com a barreira de línguas e culturas diferentes, mas principalmente nas que se inscrevem dentro de contextos políticos ou de situações muito particulares a uma dada cultura, a compreensão se dará de forma mais truncada, ou até mesmo, não se realizará.

A próxima piada foi extraída da seção “Cuba se Fidel”, do livro do Casseta e Planeta:

Exemplo (2)

Um cubano conseguiu fugir de Havana e chegar a Miami navegando dentro de uma lata de sardinha. Chegando lá, os americanos ficaram abismados com a façanha do cubano.

- Como é que você conseguiu?

- Olha, estar dentro da lata de sardinha e navegar no mar agitado, fugindo dos tubarões, foi meio complicado. Mas difícil mesmo foi conseguir uma lata de sardinha em Cuba!

Na piada acima, vários conhecimentos têm que ser ativados. Primeiramente, o título do tópico já nos “sinaliza” que vai vir alguma piada relacionada a Cuba, assim um leitor proficiente já vai gerar várias expectativas sobre o que está por vir. O título já indica ao leitor que a piada que está por vir está relacionada à política, neste caso mundial, e, mais

precisamente, algo relacionado com Cuba e, claro, Fidel Castro. Ou seja, o leitor para entender a piada vai ter que ativar conhecimentos que fazem parte de seu saber de mundo. Esta piada aborda um fato mundialmente conhecido que é a fuga de cubanos, em sua grande maioria, por mar para os EUA, porém a “graça” da piada não reside neste fato e sim quando o fugitivo diz que o problema não foi entrar numa lata de sardinha ou enfrentar o mar com seus perigos, mas encontrar “uma lata de sardinha em Cuba”.

Ora, nenhum leitor, mesmo fazendo todas as suposições possíveis, chegaria a essa conclusão. Apenas quando se faz uma relação com a situação econômica de Cuba, que sofre embargos políticos e “otras cositas” mais, o leitor antenado com o mundo poderá inferir o porquê da dificuldade de se encontrar este gênero alimentício em Cuba e só assim saber a quem o sobrevivente está se referindo. Com toda essa situação em mente, realmente chega-se a conclusão de que deve ser bem difícil mesmo conseguir a tal lata de sardinha em Cuba, e daí vem o inesperado da situação e o riso da piada. Como pode-se observar, em nenhum momento o referente fica explícito na piada através de marcas lingüísticas, mas é inferível a partir da situação que é retratada na piada, demonstrando bem o caráter discursivo e intreracional que possui a referência e isso se dá porque “o modelo interacional é muito menos dependente do código do que os outros e constitui um modelo que opera crucialmente com a informação situada³”(Marcuschi, 2001).

3. Algumas considerações finais

Ficou bastante claro, neste artigo, que não só a fundamentação teórica como as análises são ainda de caráter exploratório, por isso mesmo, as análises tiveram um caráter essencialmente qualitativo e não quantitativo. Dessa forma, não podemos fazer conclusões mais aprofundadas sobre esse tema, mas apenas compartilhar algumas hipóteses.

A escolha de piadas foi proposital, pois se partiu da hipótese de que no processamento textual necessário para que se efetue a compreensão, as inferências seriam um dos fatores primordiais. Realmente, a inferência se mostrou, como se esperava, ser a grande “chave” que desvendaria o jogo que envolve a compreensão do gênero piada, uma vez que através das múltiplas atividades desenvolvidas pelos processos inferenciais, o leitor,

³ Grifos do autor

através da interação cooperativa com o texto, chegaria à compreensão do mesmo. Ressalta-se que se procurou estudar a inferência, neste artigo, numa relação estreita com o contexto para se chegar ao referente, dessa forma, não se pretendeu aqui se deter em pistas estritamente lingüísticas para a análise, porém observou-se no decorrer das análises que o fator lingüístico foi o que, muitas vezes, ativou todo o processo de compreensão. Isso prova mais uma vez que, embora por motivos pedagógicos ou por interesse em focar determinado fenômeno lingüístico em detrimento de outro, quando se fala em compreensão textual, vários fatores têm que ser considerados (fatores pragmáticos, lingüísticos, etc.) e o processo inferencial, acreditamos, está na base de quase todos eles. Devido à “imaturidade” ainda da teoria e das análises apresentadas, a “crença” declarada anteriormente, deve ser encarada mais como uma indagação do que como uma afirmação.

Referências Bibliográficas

- KOCH, I. G. V. (2002) Desvendando os Segredos do Texto. São Paulo: Cortez.
- ____ (1989) A coesão textual. São Paulo: Contexto.
- ____ (1990) A coerência textual. São Paulo: Contexto.
- ____ (1997) O texto e a construção dos sentidos. São Paulo: Contexto.
- MARCUSCHI, L. A.; HOFFNAGEL, J.; CUNHA, D. de A.C. da; BARROS, K. S. de. (1998). Referenciação e Atividade Inferencial no Processamento Textual. In: Fala e Escrita: Características e Usos IV (produção textual, processos interativos e gênero na atividade discursiva). Projeto Integrado apresentado ao CNPq. Recife (mimeo).
- MARCUSCHI, L. A. (2000) Quando a referência é uma inferência. GEL, UNESP. Assis-SP. (no prelo)
- ____ (1999) Cognição, Explicitude e Autonomia no Texto Falado e Escrito. III ELFE- III Encontro de Língua Falada e Ensino. Maceió: UFAL
- ____ (1997) Referenciação, conhecimento partilhado e atividade inferencial no processo de negociação na interação verbal face a face. UFPE
- ____ (2001) Atos de Referenciação na Interação Face a Face. II Congresso Internacional da ABRALIN. Fortaleza: UFC



MARSLEN-WILSON, W.; LEVY, E. & TYLER, L. K. (1982) Producing Interpretable Discourse: The Establishment and Maintenance of Reference. In: Speech, Place, and Action. Edited by R. J. Jarvella and W. Klein. John Wiley & Sons Ltd.

MUNIZ, K. da S. (2001) Analogia e Atividade Inferencial em Textos da Fala e da Escrita.

ABRALIN, UFC.

POSSENTI, S. (1995) O eu no discurso do Outro: a subjetividade mostrada. In: ALFA (UNESP). V. 39, p. 45-55.

____ 1998. Os Humores da Língua: análises lingüísticas de piadas. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras.